

**Comunicólogo que
brinca comunica
mais?**

Does the Communicator
who plays communicate
more?

Comunicador que juega
comunica más?

Ivany Câmara Neiva¹
Aluizio Augusto²

RESUMO

O artigo trata da utilização de brinquedos e brincadeiras como recurso de aprendizagem no Ensino Superior. A pesquisa partiu de oficinas realizadas há sete anos, na disciplina "Elementos de Realidade Regional e Brasileira Contemporânea", do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília. Verificaram-se influências no cotidiano e exercício profissional de sete ex-alunos que haviam participado das oficinas.

Palavras-chave: Brincar; educação; exercício profissional.

¹ Vive em Brasília, tem duas filhas. É bacharel e licenciada em Ciências Sociais (habilitação em Sociologia e Antropologia), Mestre em Sociologia (dissertação: Outro lado da Colônia: contradições e formas de resistência popular na Colônia Agrícola de Goiás) e Doutora em História Cultural (tese: Imaginando a Capital: cartas a JK 1956 a 1961), pela Universidade de Brasília. Entre 1998 e 2013, foi professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília - UCB e, a partir de 2012, também do Curso de Arquitetura e Urbanismo. De dezembro de 2009 a dezembro de 2011, foi professora visitante no Centro de Excelência em Turismo CET, da Universidade de Brasília. Desenvolve atividades de docência, pesquisa, extensão e gestão acadêmica, especialmente nas áreas de História Cultural, Comunicação Social, Sociologia Urbana e Turismo, em temas referentes a memória, história oral, imagem, comunicação, cultura popular, vida urbana, história do Distrito Federal, aprendizagem. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0441135674982000>.

² Graduando em Comunicação Social pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

ABSTRACT

The article discusses the use of toys and playing activities as learning resources in high school. The research was based on workshops given seven years ago within the class "Elements of contemporary regional and Brazilian Reality" in the course of Social Communication of the University Católica de Brasília. We noticed influences in the everyday practices and professional exercising of seven former graduates who had taken part in the workshops.

Keywords: Playing; education; professional exercising.

RESÚMEN³

El artículo trata del uso de juguetes y juegos como recurso de aprendizaje en la enseñanza superior. La pesquisa partio de talleres realizados hace siete años, en la materia "Elementos de la Realidad Regional y Brasileña Contemporanea, del curso de Comunicación Social de la Universidad Católica de Brasilia. Uno de los objetivos es verificar se ha habido influencias en el cotidiano y en el ejercicio profesional de siete ex alumnos que habían participado de los talleres.

Palabras-clave: Jugar; educación; ejercicio profesional.

Recebido em: 13/08/2015. Aceito em: 29/08/2015.

³ Versões dos resumos em Inglês e Espanhol, respectivamente: Roberto de Souza Lima (professor) e Danilo Catalan (publicitário).

Introdução

A Educação vem sendo tratada não só em termos de práticas, mas também de estudos, diagnósticos, campanhas eleitorais, artigos, notas na mídia.

Reflexões sobre a importância de brincar estão presentes na Grécia com a formulação da Paidéia, com o intuito de formar o caráter do cidadão segundo um ideal superior. Platão ressaltava a importância de se aprender brincando em oposição à violência e à opressão. Aristóteles sugeria que a criança aprendia brincando com os jogos que imitavam atividades adultas, como forma de preparo para a vida futura.

Nos cursos de Pedagogia – nos quais se formam docentes - são discutidos autores, teorias e propostas para a formação docente e para a prática educativa.

Não apenas especialistas da área acadêmica, mas professores, técnicos, estudantes e a sociedade em geral, vêm analisando, opinando, sugerindo alternativas para os desafios da Educação no Brasil.

São assuntos recorrentes nesses comentários:

“A Educação no Brasil tem problemas gravíssimos”

É antiga, essa questão. Vem de antes do século passado, mas parece estar se agravando, inclusive pelo não enfrentamento dos desafios.

Em 1998, o professor José Carlos Libâneo (em texto da série “Questões de nossa época”...), alertava:

A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana. (LIBÂNEO, 1998, p. 7)

A questão está na mídia. Artigos e comunicados em jornais e revistas tratam do assunto, como os da historiadora Gislane Azevedo, o da Comissão de Professores da UniverCidade e o do jornalista Maurício Duarte:

[...] ao mesmo tempo em que a sociedade convive com as novidades, nosso modelo educacional continua, em grande parte, atrelado às estruturas do século 19. [...] Torna-se urgente construir uma escola que tenha como base a sociedade deste século. [...] (AZEVEDO, 2014, p. 21)

[...] a qualidade [do ensino] é cada vez pior. Os salários dos professores estão entre os mais baixos do país. Modernizar os currículos, treinar professores [...], pagar melhor, são desafios a enfrentar. (CARTA ABERTA AO MINISTRO CID GOMES, 2015)

Duarte cita Daniel Cara, coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, que declara em 2015:

Educação é composta por acesso e qualidade. Isso está muito distante da realidade do Brasil. O acesso é insuficiente, e a qualidade está mais distante ainda de se materializar. (CARA, *apud* DUARTE, 2014)

Em artigo do advogado Luis Carlos Alcoforado é tratada a questão da felicidade dos alunos – que associamos à inclusão do brincar na educação:

Estudar deve ser menos obrigação e mais prazer. O saber pertence ao mundo das necessidades espirituais, indissociáveis do homem. [...] o estudo é um dos meios pelos quais o homem se liberta. (ALCOFORADO, 2015)

“A formação docente, no Brasil, é precária”

A formação permanente dos educadores é apontada como necessária. Como exemplo dessa constatação, trazemos Andrey Santos (executivo voltado especialmente a tecnologia e negócios) que em 2015 comenta que a aplicação de novas metodologias e novos conceitos ao atual modelo de ensino requer mais que tecnologia: requer nova didática, novas formas de interação com a geração recente.

"A precarização do trabalho do professor, no Brasil, é um fato que vem se acentuando"

Essa questão vem sendo discutida em movimentos sociais, em propostas de governo, em artigos científicos. A precarização é considerada em termos de formação docente, remuneração, condições de trabalho.

Erlando Rêses (professor, pesquisador da Faculdade de Educação da UnB), citando resultados da pesquisa realizada em 2002 pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, diz que a situação dos educadores vem se precarizando e se caracteriza por "empobrecimento dos professores brasileiros, degradação de suas condições de exercício profissional, multiplicação de jornadas de trabalho" (RÊSES, 2015, p. 38).

A propósito dessa precarização, há crescente produção sobre a síndrome de *burnout*, associada ao esgotamento emocional e ao estresse profissional.

"Há ainda uma relação dual entre professores e alunos"

Paulo Freire, na "Pedagogia da Autonomia", em "Não há docência sem discência", opina que um dos "saberes necessários à prática educativa" é o respeito aos saberes dos educandos (FREIRE, 1996, p. 21-46). No segundo capítulo - "Ensinar não é transferir conhecimento" – diz que "ensinar é criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47-90). Paulo Freire destaca o respeito à autonomia do ser do educando entre os "saberes necessários à prática educativa".

"Os homens se educam juntos, na transformação do mundo", reforça (FREIRE, 2011). E é no decorrer dessa metodologia que os saberes são valorizados - principalmente, o saber dos educandos. Com isso, o educador precisa ir sempre além dos saberes formais da escola, tornando-se necessário ousar. Pensamos que

vivemos a carência de educadores em todos os níveis e funções que assumam a responsabilidade de pensar/fazer a educação como essencial para uma visão de sociedade que almeja cumprir o lema de “Pátria Educadora”⁴.

Em outros trabalhos, Paulo Freire aborda o Método de Alfabetização de Adultos, dentro do contexto sócio-político brasileiro da década de 1960. Defende uma visão crítica e não passiva do processo de ensinar-aprender, visando formar sujeitos históricos e politizados.

Como lembra Renato Guimarães (Diretor de Intercâmbio da AIESC), em 2014, o estudante pode ser estimulado a pensar, a ter sua inteligência estimulada, sua curiosidade despertada – e não a “repetir” ensinamentos repassados por seus professores.

“Os alunos não são mais os mesmos”; “os alunos não se interessam...”

Mário Cortella lembra, a propósito, em 2003, que “o mundo não é mais o mesmo”. Enfatiza que o que lhe espanta é a distorção pedagógica registrada com a postura de alguns professores que, mesmo assim, continuam “dando aula como faziam há dez anos ou quinze atrás”. Exemplifica a distorção pelo caso do aluno, ou da aluna, que ao assistir à primeira aula “já havia assistido a cinco mil horas de tevê”, mas encontra em sala um professor que lhe traz “ensinamentos” alheios à vivência de mundo.

Andrey Santos lembra que o ensino vem se tornando – ou vem se mantendo – desinteressante. Tratando da evasão escolar e dos fatores geradores do descrédito do ensino, registra uma queixa comum entre os estudantes: “Vou empatar meu tempo em algo que não me serve para nada” (SANTOS, 2015).

⁴ Lema adotado pela presidente Dilma Rousseff para os quatro anos de seu segundo mandato – 01.01.2015 a 01.01.2019.

Precisamos pensar: nossos alunos podem ter interesses, sim, mas em relação à sua contemporaneidade (que inclui formas de comunicação não vivenciadas pela maioria dos professores), e têm direito a vivenciar formas do brincar por vezes “antigas” e nem sempre incluídas nas práticas educativas. Na formação docente podem-se incluir atividades criativas, libertadoras, criadoras de interesses.

Vale lembrar o que dizia Nelson Mandela em 2003 (e que Renato Guimarães cita em seu artigo de 2014): “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

“Estamos nos tornando cada vez mais carrancudos”

A relação dual entre professores e alunos, a distância definida entre eles (reforçada, inclusive, pela disposição espacial nas salas, ainda adotada em muitas escolas) parece estar na base do descrédito do ensino.

Além dessa distância, está presente outra – entre o mundo da escola e o mundo da rua. Certamente os professores já tiveram acesso a mais conhecimentos formais que os alunos; sua trajetória começou antes. Mas isso não significa que os alunos tenham desconhecimentos gerais, nem justifica atitudes “superiores” e “sempre sérias” por parte dos professores.

Quando se fala em cultura, é bom considerar que há culturas diferentes, mas não desiguais. Uma cultura pode ser diferente de outra, mas não “melhor” que outra, ou “superior” a outra.

Da mesma forma, não nos parece necessário que o professor precise ser “carrancudo” para inspirar respeito aos alunos. O professor pode ser diferente (todos são diferentes...) de seus alunos, mas não “superior” a eles.

Brincar, a nosso ver, é direito de crianças, jovens, adultos.

Procedimentos de pesquisa sobre uma experiência

Também em relação à Educação Superior, a discussão está presente. Nesse sentido tratamos, aqui, de uma experiência realizada em outubro de 2007, na Universidade Católica de Brasília. Organizamos Oficinas de Brinquedos com duas turmas do Curso de Comunicação Social. O oficinairo era Aluizio Augusto, a professora era Ivany Neiva. A disciplina já tinha tido vários nomes, e nesse tempo se chamava “Elementos de Realidade Regional e Brasileira Contemporânea”, do quarto semestre da Graduação.

Como sempre, cada professor podia desenvolvê-la de seu jeito, e os jeitos variavam. No caso, a professora fazia da disciplina algo mais formativo que conteudista – valia mais contar histórias, brincar, pensar no comunicador como pessoa que conta histórias, pensar nas diferentes possibilidades de ver um acontecimento, nos variados olhares possíveis.

Havia uma ementa aprovada (Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, 2008, p.82-83) e registrada no MEC:

“A construção da noção de realidade: o regional, o global, o nacional. Sistematização e operacionalização de informações estruturais e conjunturais. O contexto social, político e econômico. Interpretações da realidade. Leitura do Brasil, do Distrito Federal e do Entorno”.

A cada semestre era escolhido um mote para a disciplina. Naquele, era “Construção de Realidades”. E na Unidade II (Construtores de Realidades), se desenvolvia o “Projeto Brincar”, no qual se realizaram as oficinas.

No Projeto Brincar, além da participação nas oficinas, os estudantes eram convidados a discutir textos (por exemplo, “Memórias de brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX”, organizado por Maria Alice Setúbal Silva; crônicas de Bráulio Tavares; “O que é realidade”, de João-Francisco Duarte Junior; “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação”, de Walter Benjamin),

e a construir crônicas a respeito de “memórias pessoais sobre brincadeiras de infância” ou “brincar na Universidade”. Estudantes, professora, oficinairo, concordavam que todas essas atividades eram propostas de modo a serem realizadas de forma cooperativa e leve.

Uma das ideias da disciplina, e da Unidade, e do Projeto Brincar, era enfatizar que cada um é sujeito de sua história, e que a realidade é, também, construída. Pretendia-se vivenciar experiências lúdicas dentro da Universidade, questionando se “para ser rigoroso, precisa-se ser rígido”, se “para ser universitário tem que ser carrancudo”, se “para ser educador precisa *ensinar*”, se “há uma verdade única”⁵.

Nas crônicas que os estudantes eram convidados a escrever, apareciam noções de rigor (que se associavam ao brincar) e de construção bem humorada da aprendizagem.

Dos quase noventa alunos, foram recontatados vários, por e-mail, redes sociais, telefone, encontros. Foram se escolhendo sete deles, todos já “formados”, todos profissionais.

Observou-se sua satisfação em serem reunidos em torno das lembranças das Oficinas. Reconheceram-se em fotos, localizaram-se a partir dos nomes registrados nos diários de classe; manifestaram interesse em fazer nova oficina de brinquedos, agora, sete anos depois daquelas primeiras...

Os estudantes foram convidados a responder a algumas questões referentes às Oficinas:

⁵ Assistíamos à palestra de Chimamanda Adichie feita em 2009 – “O perigo da história única”.

- Em que medida o brincar ajudou na compreensão da disciplina Elementos de Realidade Brasileira e Regional? E no exercício profissional? E na sua vida?

- Que características do brincar poderia destacar para essa compreensão?

- O brincar auxiliou o seu desenvolvimento do raciocínio na disciplina? E na compreensão da Comunicação? Como?

Assim que entramos em contato com eles e anunciamos um encontro, alguns já se manifestaram, e seus comentários “responderam” a uma questão mais ampla: a Oficina de Brinquedos contribuiu para sua visão do curso universitário que você escolheu?

O brincar e a educação - fundamentos

Foi e é importante observarmos atentamente esse ato tão natural – o brincar - que nos traz muitas questões. Consideramos que a mais fundamental, pelo menos aqui neste texto, é: qual o sentido do brincar no desenvolvimento humano?

O estudo sobre o brincar abrange diversas áreas do conhecimento. Poetas, prosadores, intelectuais, pessoas comuns, se ocuparam do assunto. As principais teorias originaram-se no século XIX e no início do século XX, e hoje a questão continua presente.

Lev S. Vygotsky (1896-1934) viu no brincar uma parte essencial do desenvolvimento humano. Focalizou especialmente o aprendizado e as relações entre desenvolvimento e aprendizado.

Para Vygotsky, o homem constitui-se enquanto ser social e necessita do outro para se desenvolver. Um dos aspectos que ele aborda na obra “A formação social da mente” (publicada várias vezes; neste caso, a edição brasileira de 1998) é

o papel que o brinquedo desempenha, destacando a capacidade da atividade de brincar como estruturante do pensamento humano: o brincar auxilia a desenvolver a diferenciação entre a ação e o significado. E no decorrer da evolução dos indivíduos, se estabelece relação entre o seu brincar e a ideia que se tem dele; o brincar deixa de ser dependente dos estímulos físicos, ou seja, do ambiente concreto que o rodeia. Vygotsky explica que o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal. Essa zona de desenvolvimento proximal é uma área psicológica em transformação permanente; refere-se ao caminho de amadurecimento da sua gama de possibilidades.

Segundo ele, brincar relaciona-se com a aprendizagem. Brincar é aprender. Na brincadeira é que se alicerça o que, mais tarde, permitirá aprendizagens mais elaboradas. Dessa forma, podemos deduzir que a ludicidade é uma estratégia educacional para auxiliar nos processo ensino-aprendizagem:

A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais.
(VYGOTSKY, 1998, p. 137)

É essa relação que irá entremear toda a atividade lúdica de crianças, jovens e adultos. Como quem brinca é mais feliz, podemos usar o brincar como importante indicador do desenvolvimento humano, agindo na forma de encarar o mundo e em suas ações futuras.

Data do início do século vinte, grande produção de cartas de Rainer Maria Rilke, em que o passado e o presente se entrelaçam, e em que a experiência infantil tem relevância. As questões do brincar e da educação estão presentes em suas cartas e em sua poesia. Diz ele em uma carta:

[...] na escola a vida deve se transformar; pois se há um lugar em que ela deveria se tornar mais vasta, profunda, humana, esse lugar tem que ser a escola. (BAER, 2005, p. 128)

Na primeira metade do século passado, Walter Benjamin dedica sua atenção a questões da educação e do brincar em “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação”, refletindo sobre temas que atravessam toda a sua obra. Em “Brinquedo e brincadeira” volta a comentar que

[...] é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos.
[...] Um poeta contemporâneo disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer; para quantas pessoas essa imagem não surge de uma velha caixa de brinquedos?
(BENJAMIN, 2009, p.253)

Também do século vinte são os escritos de Mikhail Bakhtin. Nosso interesse em seu trabalho é, principalmente, pelo estudo que faz sobre a cultura popular e o riso medievais e do Renascimento, das manifestações da cultura popular, não oficial, e da circularidade cultural - permeabilidade que pode ocorrer dentro da sociedade hierarquizada. Essa discussão pode contribuir, para nós, no enfrentamento de desafios de incluir, na formação docente de nível superior e nas práticas educativas, no brincar em suas manifestações populares e resistentes à indústria cultural.

No século passado e neste, encontramos estudos importantes no Brasil que tratam do brincar e da formação docente – além de Paulo Freire, que já citamos.

O brasileiro Florestan Fernandes (pesquisador, sociólogo, educador, político, militante de causas sociais) em meados do século XX escolhe estudar temas ligados a grupos considerados dominados, até aquele momento marginalizados na sociologia brasileira – por exemplo, a criança, a cultura popular.

Florestan defende que o adulto “viva o brinquedo”, para conseguir “captar o sentido da infância”, como lembra Deise Arenhart (ARENHARDT, s/d, p. 41).

Em 2012, o educador Roberto Rabêllo escreve sobre a ludicidade e a arte na formação e atuação docentes. Comenta inicialmente que, “no contexto educativo de hoje [...]” a ludicidade, a amorosidade, a estética, a dialogicidade, a felicidade, “são convidados a compor um conjunto de orientações para a prática docente, a construção do conhecimento, a humanização das relações no ambiente educativo e a formação dos alunos” (RABÊLLO, 2012, p. 31). Lembra que “na sala de aula precisamos plantar o princípio da coletividade, da solidariedade, da interação” (RABÊLLO, 2012, p. 34). Quando trata da ludicidade e da necessidade de sua inclusão na atuação e na formação do professor, lembra que “sem a ludicidade o conhecimento não acontece” (RABÊLLO, 2012, p. 33). Trata da presença do brincar e da “educação sensível” (RABÊLLO, 2012, p. 34).

Ariano Suassuna (escritor, educador), em suas aulas-espetáculo, valoriza o humor, o brincar. Em seu “Iniciação à Estética” (também publicado várias vezes no Brasil, neste caso, a 11ª edição, em 2011) trata de “O Risível e o Cômico”, lembrando que o risível é um campo do conhecimento pelo qual a Arte se interessa – e o “brincar”, nesse sentido, interessa também à Educação e deve estar presente no cotidiano de pessoas de todas as idades.

É consenso entre os profissionais que trabalham com a educação, principalmente na educação infantil, que brincar é essencial para o desenvolvimento, a aprendizagem e o bem-estar. Contudo, como pensam e trabalham educadores de adolescentes, jovens e adultos? Avaliam se brincar para aprender e se desenvolver é essencial tanto para as crianças quanto para os adultos?

Nesse ponto vemos a importância da experiência que realizamos e como o brincar pode esclarecer e instruir o desenvolvimento humano, sempre com o objetivo de revelar o que há de melhor no mais íntimo de cada ser. Ficou a

lembrança da felicidade que oicineiro Aluízio Augusto sentiu com o convite da professora Ivany Neiva para realizar as oficinas. Era oportunidade para verificar, na prática, como o comportamento lúdico é universal e sem idade. Aluízio, em sua experiência de vida, vinha observando que, para o entrelaçamento de educação e brincar, não é necessário teoria prévia ou rigidez na forma. E o que aconteceu nas oficinas foi algo que oicineiro já vira como presente no brincar: respeito, alegria, solidariedade.

O riso e a educação estão próximos, apesar de essa proximidade ser ainda pouco estudada e discutida. O potencial educativo do riso, do lúdico, da diversão continua visto com desconfiança dentro dos espaços formais de educação como mosteiros e universidades. O romance *O "Nome da Rosa"*, de Umberto Eco, trata disso ao nos levar ao século XIV para um mosteiro onde mortes misteriosas acontecem; ali percebemos como o caráter transgressor, subversivo, estimulador da crítica a todos os poderes, e o riso, ressurgem nos intervalos em que o controle "abre uma folga", nas falhas e erros que também nos constituem como seres humanos e insuficientes, incompletos. Dedicar-se ao riso, permitir o riso, demanda compreender e incorporar um fundo trágico da existência, transformando em lúdico até nosso discurso mais cético – e mais lúcido. O brincar e o riso criam um território mutável em parceria com a dimensão trágica.

Aluízio Augusto diz que, por sua condição de palhaço, verifica que, pelo brincar e pelo riso, aprimora-se o discurso poético da educação.

Resultados

Houve conversas com os jornalistas Leonardo Arruda, Hélio Montferre, Michelle Horovits, Yoko Teles, e com os publicitários Jaciele Neves Ferreira, Daniel Martins, Vanessa Avelans.

O encontro ocorreu dia 12 de fevereiro de 2015, em um bar/restaurante/espço cultural da cidade. Foi marcado pela alegria do reencontro e pela atualização das novidades, e na oportunidade se realizou mais uma oficina, da qual resultou a construção de um corrupio feito de garrafas *pet*, barbante e grãos de arroz.

Sobre o brincar, os comentários dos atuais profissionais confirmaram nossa ideia de que a ludicidade é instrumento essencial na educação.

Jailson Dantas, que era o aluno mais velho daquelas turmas, entrou em contato conosco por e-mail e contou que agora está aposentado e mora no Espírito Santo. Diz ele: "Foi muito marcante aquele momento na minha vida, pois fui remetido a uma viagem regressiva aos meus tenros anos da adolescência".

Quanto aos que estão "em atividade", optamos por transcrever o comentário de Jaciele Neves Ferreira, representativo dos demais. Jaciele lembra que, depois da oficina, realizou um documentário como projeto experimental: "O Grande Mentiroso – Chico Onça e outros *mentirosos* de São João d'Aliança", em que personagens de sua cidade contavam *causos* e histórias, brincando consigo mesmos e com os amigos. Conta ela que a oficina lhe deu suporte para escolher esse tema e desenvolver seu trabalho.

Em diversas circunstâncias a realidade brasileira e regional tem sido reprimir o lado lúdico e brincalhão da vida. Acredito que isso se aplica principalmente a nós adultos e aos ambientes, situações e circunstâncias nas quais se espera seriedade e responsabilidade. Me pergunto o porquê de tudo isso pois, ainda que sejam expectativas construídas pela sociedade, são também memórias reforçadas por nós mesmos. Meu alívio é ter a consciência de que se esses padrões de comportamento são

incorporados por nós, então podemos abandoná-los, desincorporá-los... quando bem entendermos.

No ambiente acadêmico estamos constantemente recebendo informações, receitas de como fazer isso, como fazer aquilo, como devemos agir. Em poucos momentos temos o espaço para expressar e vivenciar aquilo que somos com autenticidade. Entendo que estamos ali para atender ao mercado, gerar ideias criativas que agreguem valor, inovem... Mas por que as ideias criativas têm que atender ao mercado e não a mim, que sou tão essencial à minha vida?? A disciplina Elementos da Realidade Brasileira e Regional trouxe algo inusitado com a oficina de brinquedos. Foi nessa disciplina que eu vi as pessoas, mais do que aprendizes, sendo autênticas, se relacionando bem em grupo, sentindo satisfação, sendo criativas, irradiando alegria e prazer.

Como isso me ajuda no ambiente de trabalho? Me lembrando de que o meu eu necessita do lúdico, do brincar, de parar e fazer algo sem utilidade mercadológica, de estar presente no momento do agora envolvido em algo que me faça feliz. Já passamos tempo demais orientados para o capitalismo, para o ter que produzir e gerar resultados. Não sou contra isso, só acho que a vida não é só isso, não mesmo. Como separar totalmente a nossa vida daquilo que fazemos e escolhemos como profissão? Aliás, essa expectativa capitalista também foi construída por nós e, sendo assim, também podemos abandoná-la. (NEVES, 2015)

Considerações

Com base na experiência da Oficina de Brinquedos realizada com estudantes de nível superior – de um Curso de Comunicação Social – nosso objetivo era pensar no brincar como instrumento pedagógico, e na necessidade de se incluírem aspectos lúdicos na formação docente, inclusive voltada a quem lida com universitários. Nossa ideia é que, por não ser ainda uma prática usual na academia, essa inclusão caracteriza-se como inovadora na formação docente na educação superior.

Para construir nossas considerações atuais, buscamos referências em trechos do filme *Tarja Branca*⁶, de 2014. Dois comentários encontráveis nos sites de cinema Cineclick e Adoro Cinema são elucidativas desse respaldo:

Brincar é um dos atos mais ancestrais desenvolvidos pelo homem, tanto para se conhecer melhor quanto para e se relacionar com o mundo. Mas o que esse ato tão primordial pode revelar sobre nós, seres humanos, e sobre o mundo em que vivemos? Por meio de reflexões de adultos de gerações, origens e profissões diferentes, o novo documentário discorre com pluralidade sobre o conceito de "espírito lúdico".
(CINECLICK, 2014)

[...] A partir dos depoimentos de adultos de gerações, origens e profissões diferentes, o documentário discorre sobre a pluralidade do ato de brincar, e como o homem pode se relacionar com a criança que mora dentro dele.
[...]
(Adoro Cinema, 2014)

Em artigo publicado pela RBA também em 2014, Xandra Stefanel trata do filme que, segundo ela, "discute a importância das atividades lúdicas e defende que brincar pode ser a cura para muitos males do mundo moderno [e] prega que o prazer da brincadeira deve ser estimulado desde cedo para que, quando adulta, a pessoa continue brincando e saiba buscar a verdadeira felicidade".

Stefanel lembra, então, o comentário da coreógrafa Andrea Jabor: "A grande riqueza da cultura popular é que ela é a chance de você ter uma segunda infância".

Esses comentários reafirmam, para nós, que o jovem universitário em formação, e o adulto profissional, têm direito ao brincar. E a experiência da realização de oficinas de brinquedos para estudantes do terceiro grau (agora, profissionais), com sua receptividade e consequências ao longo da vida, nos anima a continuar incluindo possibilidades de felicidade na educação e na formação docente.

⁶ O título vem de um comentário do artesão Hélio Leites, no filme, de que, ao contrário dos remédios tarja preta, a tarja branca é o sentimento da brincadeira – "um santo remédio".

No caso dos profissionais de Comunicação contatados, observamos que a ludicidade os marca até hoje, em suas vidas. Os sete antigos estudantes concordaram em que, em pleno curso universitário, foi possível brincar, dividir os poucos recursos, “construir realidades”, reorientar caminhos.

Referências

a) Bibliográficas (livros, artigos, publicações eletrônicas)

ADORO CINEMA (sobre filme Tarja Branca). Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-229187/trailer-19538718/>. Acesso em 02.08.2015.

ALCOFORADO, Luis Carlos. Educação brasileira: velhos vícios. **Correio Braziliense**, Brasília, 02.02.2015. p.11.

ARENHART, Deise. Contribuições de Florestan Fernandes ao estudo das culturas infantis. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16553/16553.PDFXXvmi=>. Acesso em 02.08.2015.

AZEVEDO, Gislane. O professor e a educação do século 21. **Correio Braziliense**, Brasília, 15.10.2014. p.21.

BAER, ULRICH (org.). **Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 5.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Hucitec, 2002.

BALLONE, GJ. Síndrome de *Burnout*. In **PsiquWeb**. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=70>. Acesso em 02.08.2015.

BENJAMIN, Walter. Brinquedo e brincadeira. In: **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.

CARA, Daniel. PNE completa um ano, mas precisa sair do papel. **Blog do Daniel Cara**. Publicado em 26.06.2015. Disponível em <http://danielcara.blogosfera.uol.com.br/2015/06/24/pne-completa-um-ano-mas-precisa-sair-do-papel/>. Acesso em 02.ago.2015.

CINECLICK (sobre filme Tarja Branca). Disponível em <http://www.cineclick.com.br/tarja-branca-a-revolucao-que-faltava>. Acesso em 02.08.2015.

COMISSÃO DE PROFESSORES. Carta aberta ao Ministro Cid Gomes. **Correio Braziliense**, Brasília, 10.02.2015. p.3.

CORTELLA, Mário Sérgio. Os alunos não são mais os mesmos. In *Novos Paradigmas da Educação* (vídeo). São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2003.

D'ÁVILA, Cristina e VEIGA, Ilma Passos Alencastro (orgs.). **Didática e docência na educação superior**: implicações para a formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DUARTE, Mauricio. O básico do básico. Disponível em http://www.revistadacultura.com.br/revistadacultura/detalhe/14-09-04/A_base_do_b%C3%A1sico.aspx. Acesso em 02.08.2015.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O que é realidade**. 10.ed., 5.reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004. (1ª edição: 1984).

_____. *O sentido dos sentidos*: a educação (do) sensível. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000211363>. Acesso em 02.08.2015.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FERNANDES, Florestan. As Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis. In: _____. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Fidalgo de. O esgotamento (*burnout*) nos professores. **Millenium on line nº 15**. Jul. 1999. Disponível em http://www.ipv.pt/millenium/15_spec1.htm. Acesso em 02.08.2015.

GOMES, Patrícia. **Professor precisa abrir a cabeça**, diz José Pacheco. Disponível em <http://porvir.org/porpessoas/para-inovar-e-preciso-professor-abra-cabeca-diz-jose-pacheco/20120522>. Acesso em 02.08.2015.

GUIMARÃES, Renato S.. **Como as escolas transformam crianças em adultos medíocres** – uma reflexão acerca do sistema educacional que desperdiça talentos e faz do estudo um desprazer. Disponível em <https://medium.com/brasil/como-as-escolas-transformam-criancas-em-adultos-mediocres-d405498a8309>. Acesso em 02.08.2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

NEVES, J. **Re: sobre o brincar.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por ivacomunica@gmail.com em 14 fev. 2015.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Águas Claras, DF: mimeo., novembro de 2008.

RABÊLLO, R.S. Reflexões sobre arte e ludicidade na formação e atuação docentes. In: D'ÁVILA, C. e VEIGA, I.P.A. **Didática e docência na educação superior.** Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RÊSES, Erlando da Silva. **De vocação para profissão.** Sindicalismo docente da educação básica no Brasil. Brasília: Paralelo 15, 2015.

SANTOS, Andrey G.. **Educação:** ensino precisa passar por renovação urgente! Disponível em <http://www.profissionaisiti.com.br/2015/01/educacao-ensino-precisa-passar-por-renovacao-urgente/> (06.01.2015). Acesso em 02.08.2015.

SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 10, n. 26, Abr. 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100013. Acesso em 02.08.2015.

SILVA, Maria Alice Setúbal (org.). **Memórias de brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.** São Paulo: Cortez/CENPEC, 1989.

SOARES, Vilhena. Curiosidade é o motor da aprendizagem. **Correio Braziliense**, Brasília, 25.01.2015. p.18.

SUERTEGARAY, Paloma. A mágica missão de ensinar as crianças. **Correio Braziliense**, Brasília, 03.02.2015. p.26.

STEFANEL, Xandra. Filme 'Tarja Branca' propõe revolução pela brincadeira. Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2014/06/tarja-branca-propoe-uma-revolucao-pela-brincadeira-9425.html>. Acesso em 02.08.2015.

TAVARES, Bráulio. Crônicas. In Jornal da Paraíba. Disponível em <http://www.jornaldaparaiba.com.br/coluna/brauliotavares>. Acesso em 02.08.2015.

TRINDADE, Naira. Atraso generalizado. **Correio Braziliense**, Brasília, 09.12.2014. p.7.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

b) Filmográficas



ISSN nº 2447-4266

Vol. 1, nº 1, Maio-Agosto. 2015

O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA. Chimamanda Adichie. TedGlobal, 2009. Disponível em

http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.htm. Acesso em 02.08.2015.

TARJA BRANCA – a revolução que faltava. Filme. Diretor Cacau Rhoden. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014.